

O CRISTIANISMO COMO ANTINATUREZA E A DIALÉTICA DO RESSENTIMENTO EM SÓCRATES

ANTONIO ROGÉRIO DA SILVA MOREIRA¹

¹ Antonio Rogério da Silva Moreira é mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professor efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC).

Resumo: Pretende-se com esse artigo analisar e explicitar a crítica sobre a moral no pensamento de Nietzsche; sobretudo, à moral judaico-cristã diagnosticada como a moral do ressentimento. Para tanto, resolvemos lançar mão de sua interpretação sobre a moral a partir dos seus últimos escritos como a *Genealogia da moral*, *Crepúsculo dos ídolos* e *O anticristo*. Primeiramente apresentaremos o ressentimento como um tema de extrema relevância para a crítica nietzschiana sobre a moral cristã como conseqüência do judaísmo e a sua desnaturalização dos valores naturais. Em seguida discorreremos sobre a dialética socrática e sua relação direta com a moral do ressentimento que encerra uma direção única para as suas conclusões, e onde se elege o além, o eterno e o imutável como o único caminho para a felicidade do homem.

Palavras-chave: Crítica. Moral. Nietzsche. Ressentimento.

Abstract: The aim of this article is to analyze and explain the criticism of morality in Nietzsche's thought, especially, the Judeo-Christian moral diagnosed as the moral resentment. As a result, we decided to make use of his interpretation of the moral taking into consideration his last writings, for example, *On the Genealogy of Morals*, *Twilight of the Idols* and *The Antichrist*. Firstly, we will present the resentment as a very relevant theme for the Nietzschean critique about the Christian morality as a consequence of Judaism and its denaturalization of natural values. Secondly, we will discuss the socratic dialectic and its direct relation to the moral resentment which ends in one direction to its conclusions. That elects the hereafter, the eternal, and the immutable as the only way to man's happiness.

Key-words: Criticism. Moral. Nietzsche. Resentment.

I - O ressentimento como antinatureza

O elemento central da filosofia de Nietzsche desde os primeiros escritos como *O nascimento da tragédia* até seus últimos escritos como o *Crepúsculo dos ídolos* e *O Anticristo*, sempre foi a crítica dos valores que perpassam a sociedade moderna a partir de Sócrates e Platão, tidos pelo o autor como os destruidores do espírito trágico da Grécia pré-socrática, até sua associação com os valores morais do cristianismo. Porém, é na *Genealogia da Moral*, obra publicada em 1877, que o tema do ressentimento associado à sua teoria da vontade de poder mostrar-se-á de fundamental importância não somente para o estudo sobre a origem (*Ursprung*) dos valores morais, mas de sua procedência (*Herkunft*); e, sobretudo, o valor dos valores morais.

Quando se refere à *Genealogia da moral* no *Ecce Homo*, Nietzsche afirma que “a verdade da primeira dissertação é a psicologia do cristianismo: o nascimento do cristianismo do espírito do ressentimento, *não*, como se crê, do ‘espírito’ - um antimovimento em sua essência, a grande revolta contra a dominação dos valores *nobres*”. (NIETZSCHE, 1888, p, 97)

Na obra, Nietzsche discorre sobre a participação ativa que o sacerdote judeu desempenha na constituição do universo escravo. Contudo, o que já se observa na *Genealogia da Moral* é a verdadeira “caricatura” do sacerdote cristão, aquele onde se apresenta a extensão natural do sacerdote judeu. Segundo o autor, a uma apreciação sobre a origem da moral escrava corresponde uma análise sobre a constituição da moral cristã, uma vez que os valores estabelecidos pela moral escrava correspondem aos mesmos valores do cristianismo.

Sabe-se quem colheu a herança dessa tresvaloração judaica... A propósito da tremenda, desmesuradamente fatídica iniciativa que ofereceram os judeus, com essa mais radical das declarações de guerra, recordo a conclusão a que cheguei num outro momento (*Além do Bem e do Mal*, § 195) - de que com os judeus principia a *revolta dos escravos na moral*: aquela rebelião que tem atrás de si dois mil anos de história, e que hoje perdemos de vista, porque - foi vitoriosa....²

Segundo Nietzsche, é com o espírito do ressentimento judeu que principia a insurreição escrava na moral que depois de dois mil anos se tornou vitoriosa. Uma vitória difícil de ver, pois o longo é difícil de ver. E foi do tronco daquela árvore da vingança e do ódio que brotou um novo amor, o amor cristão. E é exatamente ele que declara guerra mortal ao homem superior, ao tipo forte, que nega todos os seus instintos naturais e depois de reprová-lo toma partido do fraco, do miserável, do decadente. Essa questão vai se tornar ainda mais clara em *O Anticristo*.

Não se deve embelezar e ataviar o cristianismo: ele travou uma *guerra de morte* contra esse tipo *mais elevado* de homem, ele proscreeu todos os instintos mais fundamentais desse tipo, ele destilou desses instintos o mal, o homem mau - o ser forte como o tipicamente reprovável, o ‘réprobo’. O cristianismo tomou partido de tudo que é fraco, baixo, malogrado, transformou em ideal aquilo que *contraria* os instintos de vida forte; corrompeu a própria razão das

² NIETZSCHE. *Genealogia da moral*, p. 26.

naturezas mais fortes do espírito, ensinando-lhes a perceber como pecaminosos, como enganosos, como *tentações* os valores supremos do espírito.³

Para Nietzsche, o problema da origem do cristianismo só pode ser verdadeiramente compreendido se estabelecida a forma como ele se desenvolveu, a saber: a partir do instinto do ressentimento. Pois, embora possa nutrir sentimentos antijudaicos, o cristianismo é na sua realidade a mais grave consequência do judaísmo, “ele não é um movimento contra o instinto judeu, é sua própria consequência, uma inferência a mais em sua lógica apavorante”. (NIETZSCHE, 1888, p, 29)

Nietzsche considera os judeus o povo mais extraordinário da história da humanidade, pois diante do problema do *ser* e do *não-ser*, o povo hebreu preferiu dizer sim ao *ser*. De forma bastante sinistra, diz ele, os judeus preferiram o ser “a qualquer preço”. E esse preço, nada mais era do que a falsificação de toda a realidade, de toda naturalidade, de toda força criativa, tanto do mundo interior como exterior.

Para Nietzsche, a história de Israel é a mais rica em termos de desnaturalização dos valores naturais. Em sua origem, principalmente no tempo da realeza, Israel encontrava-se diante das coisas numa relação justa, quer dizer, numa relação natural com todas as coisas. O seu Javé era a consciência da manifestação de poder, alegria e esperança que esse povo tinha de si mesmo. Através dele esperava-se a vitória e a salvação. Com ele acreditava-se na natureza, que ela concederia tudo aquilo que é necessário para o povo: principalmente a chuva para a grande colheita. E como o Deus de Israel, Javé também era o Deus da Justiça, pois é assim que funciona a lógica de todo povo que tem o poder e a consciência desse poder. No entanto, essa época também teria o seu fim. Um triste fim ocasionado por determinados fatores históricos: a anarquia no interior; os assírios no exterior e aquele que seria o pior de todos os acontecimentos, a elevação da classe sacerdotal. Desde então, Javé teve sua concepção modificada, desnaturalizaram seu conceito. E foi a esse preço que ele se preservou. Javé, o Deus da Justiça, sinônimo de união com Israel, expressão de orgulho e autoconfiança de um povo tornara-se um deus constrangido, submetido a condições, um Deus submisso, sujeito a preceitos e normas morais.

³ NIETZSCHE. *O anticristo*, p. 12.

Seu conceito torna-se um instrumento nas mãos de agitadores sacerdotais, que passam a interpretar toda a felicidade como recompensa, toda infelicidade como castigo por desobediência a deus, como 'pecado': a mendacíssima maneira de interpretar uma suposta 'ordem moral do mundo', com a qual o conceito natural de 'causa' e 'efeito' é definitivamente virado de cabeça para baixo. Tendo eliminado do mundo, com a recompensa e a punição, a causalidade natural, necessita-se de uma causalidade *antinatural*: toda a restante inaturalidade segue-se então. Um deus que *exige* – no lugar de deus que ajuda, que encontra saídas, que é, no fundo, sinônimo de toda feliz inspiração de coragem e autoconfiança... a *moral*, na mais expressão das condições de vida e crescimento de um povo, não mais o seu mais básico instinto de vida, e sim tornada, antítese da vida – moral como assistemático aviltamento da fantasia, como 'mau-olhado' para todas as coisas. *Que* é moral judaica, *que* é moral cristã? O acaso despojado de sua inocência: a infelicidade manchada com o conceito de 'pecado'; o sentir-se bem como perigo, como 'tentação', a indisposição fisiológica com o verme-consciência...⁴

O que os judeus fizeram foi dizer não à natureza. Demarcaram para si mesmos um limite contra todas as condições que até então um povo possuía para viver, e a partir daí criaram uma nova condição totalmente oposta às suas *condições naturais*.

Eles puseram-se à parte, contrariamente a todas as condições nas quais era possível, era permitido um povo viver até então, eles criaram a partir de si mesmos um conceito oposto às condições naturais – eles inverteram, sucessivamente e de modo incurável, a religião, o culto, a moral, a história, a psicologia, tornando-os a contradição de seus valores naturais.⁵

Segundo Nietzsche, esse fenômeno pode ser encontrado e elevado a dimensões incalculáveis ainda que como uma cópia na Igreja cristã que, comparada ao "povo santo" carece de toda e qualquer originalidade. E é justamente por isso que o povo judeu é o mais funesto da história universal, já que em sua prolongada conseqüência eles contaminaram de tal modo a humanidade que, ainda hoje, o cristão pode apresentar sentimento antijudeu sem perceber que ele é na realidade a "*derradeira conseqüência do judaísmo*". (NIETZSCHE, 1888, p. 29) Assim como o judeu, embora caricatural e sem originalidade, o que o cristianismo promove de maneira radical e de *proporções incalculáveis* é a desnaturalização dos valores naturais. "Somente depois de inventado o conceito de 'natureza', em oposição a 'Deus', 'natural' teve de ser

⁴ NIETZSCHE. *O anticristo*, p. 31.

⁵ *Idem*, 29.

igual a 'reprovável' – todo esse mundo fictício tem raízes no ódio ao natural (– a realidade!–), é a expressão de um profundo mal-estar com o real...". (NIETZSCHE, 1888, p. 20)

Para Nietzsche, o mundo moral e religioso cristão não passa de um mundo imaginário. E todo o universo de valores que o cerca é uma mera ficção. O que significa dizer, que é sempre por uma ficção que o homem do ressentimento promove a depreciação dos instintos expansivos e o arrefecimento do movimento ascendente da vida.

Nem a moral nem a religião, no cristianismo, têm algum ponto de contato com a realidade. Nada, senão *causas imaginárias* ('Deus', 'alma', 'Eu', 'espírito', 'livre-arbítrio' – ou também 'cativo'); nada senão *efeitos imaginários* ('pecado', 'salvação', 'graça', 'castigo', 'perdão dos pecados'). Um comércio entre *seres imaginários* ('Deus', 'espírito', 'almas'), uma ciência *natural* imaginária (antropocêntrica; total ausência de causas naturais), uma *psicologia* imaginária (apenas mal-entendidos sobre si, interpretações de sentimentos gerais agradáveis – dos estados do *nervus sympathicus*, por exemplo – com ajuda da linguagem de sinais da idiosincrasia da moral-religiosa – 'arrepentimento', 'remorso', 'tentação do Demônio', 'presença de Deus'); uma *teleologia* imaginária ('o reino de Deus', 'o Juízo Final', "a vida eterna"). – Esse mundo de pura *ficção* diferencia-se do mundo sonhado, com enorme desvantagem sua, pelo fato de esse último *refletir* a realidade, enquanto ele falseia, desvaloriza e nega a realidade.⁶

Assim, como forma de dizer não a todo o movimento de aceleração e elevação da vida, ao seu mais puro desenvolvimento, ao poder, à beleza, à afirmação de si, o homem do ressentimento transfigurado em gênio criou para si um mundo transcendente, um mundo verdade, através do qual toda a afirmação e ascensão da vida fossem vistas como o mal em si, como tudo o que devia ser condenado.⁷ E é justamente nessa ficção, através dessa ficção que o instinto do ressentimento opera sua genialidade. "Para poder dizer Não a tudo o que constitui o movimento ascendente da vida, a tudo o que na Terra vingou, o poder, a beleza, a auto-afirmação, o instinto do *ressentiment*, aqui tornado gênio, teve de inventar um outro mundo, a partir do qual a afirmação da vida apareceu como o mau, como o condenável em si". (NIETZSCHE, 1888, P. 29/30)

⁶ NIETZSCHE. *O anticristo*, p. 20.

⁷ À ficção de um mundo transcendente em oposição à realidade, juntamente com um Deus em contraposição à vida, Nietzsche interpõe o mundo ativo dos sonhos, pois enquanto este *reflete* pelo menos a realidade, aquele, para desvantagem sua, falseia, desvaloriza e nega tudo aquilo que realmente existe.

O Homem do ressentimento é sagaz, diz Nietzsche. E a sagacidade do homem do ressentimento vai tão longe, que para sua autoconservação ele incorpora todos os instintos de decadência. Não que por eles se deixe dominar, mas simplesmente pela intenção de um poder que lhe permita se impor contra este mundo.

O que o homem do ressentimento faz, é transformar em força a sua própria fraqueza, que por sua vez é tida como virtude. Determinado a ser fraco atribui valores positivos à renúncia, ao altruísmo, ao desinteresse e à compaixão. Incapacitado de agir em um mundo onde impera o conflito de forças, ele prefere forjar um outro mundo, um mundo de paz, supra-sensível, onde será privilegiado e terá um lugar de destaque. Dessa forma o homem do ressentimento transfigura conceitualmente a fraqueza em bondade, a submissão em humildade, a covardia em resignação, o tornar-se miserável em bem-aventurado, o desejo de vingança em justiça divina, e assim por diante.

II - Sócrates e a dialética do ressentimento

Segundo Nietzsche, a moral escrava para se fixar opera com um instrumento muito poderoso: a dialética. Nela, os juízos morais são separados e sob o efeito da sublimação logo são desnaturados, extirpados do mundo natural. Os grandes conceitos bem e *mal* afastados das qualidades que lhes pertencem tornam-se livres sob a forma de “ideias”, os elementos da dialética. Assim, procura-se para além deles uma verdade, que é tomada como um ser ou o símbolo desse ser, para depois se imaginar um mundo, um lugar no qual ele poderia ter se originado. É justamente nesse universo que reside a dialética. E é no seu subterrâneo que se forma o seu objeto, o ideal. E assim, o brilho do mundo grego é substituído pela escuridão do Além.

E como opera o ideal na dialética?

Opondo à interpretação aristocrática sua própria deturpação: ao contrário da imanência, a transcendência; no lugar do mundo sensível, o supra-sensível; ao invés da inocência, a culpa. Ou seja, a dialética é a arma do ressentimento. Toda a produção do nobre grego é falsificada pelo escravo a partir de um esquema interpretativo oposto ao seu. Essa é a marca subterrânea do ideal. Negar e inverter a interpretação aristocrática. Tudo movido pelo ressentimento, pelo espírito de vingança a partir de imagens, de ficções. A única produção possível de ser realizada pelo escravo.

Segundo Nietzsche, somente a partir da interpretação nobre é que o ideal tem sua operação realizada, pois ao reproduzir no transcendente suas próprias qualidades o nobre se reconhece nessa sua projeção. O Deus do nobre nunca é visto por este como um ser estranho a ele. Nem tampouco é associado a um esquema interpretativo que avalia e modifica aquilo que lhe é exterior. Bem diferente, portanto, do ressentido que representado pelos sacerdotes afasta Deus da natureza, rompendo com a imanência dos poderes defendida pelo aristocrata. Essa é a estratégia dos sacerdotes, negar a imanência para afirmar a transcendência.

E o que é pior, os sacerdotes não só afastam o imanente do transcendente, como tratam de negá-lo, pois quando se trata da nossa vida: “esta (juntamente com aquilo a que pertence, ‘natureza’, ‘mundo’, toda a esfera do vir a ser e da transitoriedade) é por eles colocada em relação com uma existência totalmente outra, a qual exclui, a qual se opõe, *a menos* que se volte contra si mesma, que *negue a si mesma*”.⁸ E como a união final de uma sequência produtiva, próprio de uma disposição bem definida de operações, o ideal se posta como efeito, como resultado da repressão.

Como ficção o ideal é a única expressão possível da força reativa do ressentimento. E tal operação só pode ter como sentido a vingança, pois se vingando o escravo faz do ideal sua arma. No entanto, a ficção não é uma mera conseqüência, muito mais que isso, ela provoca uma guerra contra a aristocracia. Ao contrapor à interpretação nobre um novo caminho, o ideal revela a possibilidade de uma outra forma de vida, mas para isso é necessária uma grande aptidão para o convencimento. Daí sua relação com a interpretação aristocrática, pois para sua promoção o ideal necessita de ajuda para crescer. Essa ajuda vem da simulação, já que um ideal que pretende triunfar tende a se apoiar geralmente sobre uma suposição, sobre uma semelhança com os ideais já existentes e o seu poder dogmático, sobre a difamação dos ideais adversos. E além do mais, sobre uma falsa teoria de benefícios e vantagens que ela traz como: a felicidade, a paz, o conforto do espírito ou a ajuda de um Deus poderoso.

Mas, é sobretudo a partir da concepção de transcendência, de um Deus ausente, que a vingança do ideal pode operar num terreno mais fértil. É acusando que o ressentimento pode enfraquecer os fortes, pois em todo o lugar onde se buscou culpados foi o espírito de vingança que os procurou. Esse espírito de vingança tomou posse de tal forma da história da humanidade que

⁸ NIETZSCHE. *Genealogia da Moral*, p. 106.

todas as coisas e, acima de tudo a moral trazem até hoje a sua marca. O espírito de vingança nessa busca por culpados revela todo o rancor do homem do ressentimento. E foi Sócrates, diz Nietzsche, que pôs ao chão todo o universo inocente dos gregos: “Com Sócrates, o gosto grego se altera em favor da dialética: que acontece aí propriamente? Sobretudo, um gosto *nobre* é vencido; com a dialética a plebe se põe em cima”.⁹

Desde *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche já apontava Sócrates como o responsável pela alteração da interpretação aristocrática de sua época. “Eu percebi Sócrates e Platão como sintomas de declínio, como instrumentos da dissolução grega, com pseudogregos, antigregos”.¹⁰

Sócrates funda a transcendência em detrimento da imanência; no lugar da inocência ele introduz a culpa.¹¹ E a dialética é a sua arma, com ela Sócrates substitui o caráter agonístico da vida por uma disputa onde sua vitória já é garantida. Sua ironia tem como oposição a inocência das paixões, e a sua força está exatamente na capacidade de transferir o agon do plano lúdico dos sentidos para o plano etéreo da razão.

É a ironia de Sócrates uma expressão de revolta? De ressentimento plebeu? Goza ele, como oprimido, de sua própria ferocidade nas estocadas do silogismo? Vingam-se ele dos homens nobres a quem fascina? – Como dialético, tem-se um instrumento implacável nas mãos: pode-se fazer papel de tirano com ele; expõe-se o outro ao vencê-lo. O dialético deixa ao adversário a tarefa de provar que não é um idiota: ele torna furioso, torna ao mesmo tempo desamparado. O dialético tira a potência do intelecto do adversário. – Como? A dialética é apenas uma forma de vingança de Sócrates?¹²

Sócrates se vinga do nobre negando e invertendo suas qualidades. Com isso ele separa as características de suas bases, e afastadas de suas origens as qualidades tornam-se independentes. Livres, são modificadas e adaptadas aos padrões do homem comum, para em seguida voltarem-se contra aqueles a quem pertenciam.

Mas é no cristianismo, diz Nietzsche, que a operação socrático-platônica atinge seu ápice. Nele, a culpa se estende por todos os lados, é por isso que “o

⁹ NIETZSCHE. *Crepúsculo dos Ídolos*, p. 19.

¹⁰ *Idem*, p. 18.

¹¹ Segundo Deleuze, “Sócrates é o primeiro gênio da decadência: ele opõe a idéia à vida, julga a vida pela idéia, coloca a vida como devendo ser julgada, justificada, redimida pela idéia”. Deleuze. *Nietzsche e a Filosofia*, p. 9.

¹² NIETZSCHE. *Crepúsculo dos Ídolos*, p. 20.

cristianismo é platonismo para o povo".¹³ Estruturas de uma mesma representação, coniventes com o declínio aristocrático, ambos identificam-se na forma como agem. Pois, se o cristianismo é a inversão da interpretação aristocrática, Sócrates é o seu precursor.

Para Nietzsche, os verdadeiros gregos são somente os pré-socráticos, pois com Sócrates a história da aristocracia grega seria alterada. "Ele enxergou por trás de seus nobres atenienses; entendeu que seu próprio caso, sua idiossincrasia de caso já não era exceção. A mesma espécie de degenerescência já se preparava silenciosamente em toda parte: a velha Atenas caminhava para o fim".¹⁴

Sócrates fascinou, e "ele fascinou ainda mais intensamente, está claro, como resposta, como solução, como aparência de cura para este caso".¹⁵ E para Sócrates a cura estaria na razão. A racionalidade foi então tomada como salvação. Nem Sócrates nem seus enfermos tiveram outra saída senão ser racionais.

O fanatismo com que toda a filosofia grega se apega à racionalidade revela, portanto, uma situação de necessidade. Estavam todos em perigo, e restava somente uma única alternativa: aceitar a derrota ou ser *absurdamente racional*. E assim como a dialética, todo o moralismo dos filósofos gregos a partir de Platão estaria patologicamente condicionado. A equação: "razão = virtude = felicidade",¹⁶ significa unicamente que se deve fazer como Sócrates, ou seja, submeter os instintos obscuros à lucidez da razão. Por isso, "quando há necessidade de fazer da *razão* um tirano, como fez Sócrates, não deve ser pequeno o perigo de que uma outra coisa se faça tirano".¹⁷

Todo o poder do ressentimento socrático, assim como o do cristianismo, está centrado na mesma forma de produção, a saber: não só no de opor um ideal à interpretação de mundo exclusiva dos nobres, mas de através dessa oposição imputar ao ideal um papel repressivo.

¹³ NIETZSCHE. *Além do Bem e do Mal*, p. 8 (prólogo). "Platão vai fundo, afinal: acho-o tão desviado dos instintos fundamentais dos helenos, tão impregnado de moral, tão cristão anteriormente ao cristianismo... Na grande fatalidade que foi o cristianismo, Platão é aquela ambigüidade e fascinação chamada de 'ideal', que possibilitou as naturezas mais nobres da antiguidade entenderem mal a si próprias e tomarem a *ponte* que levou à 'cruz'... e quanto de Platão ainda se acha no conceito 'Igreja', na construção, no sistema, na prática da Igreja!...Platão é um covarde perante a realidade - *portanto*, refugia-se no ideal". NIETZSCHE. *Crepúsculo dos Ídolos*, p. 102/102.

¹⁴ *Idem*, p. 21.

¹⁵ *Idem*.

¹⁶ NIETZSCHE. *Crepúsculo dos Ídolos*, p. 22.

¹⁷ *Idem*, p. 21.

Em resumo, diz Nietzsche, “Sócrates foi um mal-entendido: *toda a moral do aperfeiçoamento, também a cristã, foi um mal-entendido...*”¹⁸ E, se no ideal Sócrates manifesta todo o seu ressentimento; no cristianismo o ressentimento se revela na idéia de Deus.

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: Uma Polêmica*. Trad. Paulo César de Sousa. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 179 p.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. Trad. Paulo César de Sousa. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 169 p.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Paulo César de Sousa. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 271 p.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad. Paulo César de Sousa. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 154 p.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Sousa. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 153 p.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Trad. Edmundo F. Dias e Ruth J. Dias. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976. 90 p.

¹⁸ *Idem*, p, 22